

27.

## IGREJA DE SÃO CRISTÓVÃO DE NOGUEIRA



Av. Dr. Reinaldo Flório  
Calheiros, São Cristóvão  
de Nogueira, Cinfães



41° 4' 24.69" N  
8° 7' 44.53" O



918 116 488



Dom. 11h



São Cristóvão  
25 julho



Em vias de classificação



P. 25



P. 25



x

Com a fachada voltada ao vale do Douro, a Igreja de São Cristóvão de Nogueira é representativa da organização e formação das paróquias na Baixa Idade Média (1000-1453). Segundo a tradição, o castelo de Sampaio, pequeno morro cônico a sul, na encosta da serra, teria sido o assento da primitiva freguesia e Igreja, depois transferida para o lugar de Nogueira, por mouros possantes. Trata-se apenas de uma lenda, das muitas que marcam a consciência das comunidades, desejosas de se mostrarem herdeiras de um passado extraordinário e glorioso, mas efetivamente esta narrativa pode ajudar a perceber, não a transferência da Igreja, mas a cisão de duas paróquias, inicialmente sujeitas ao castelo situado em Sampaio onde, provavelmente, se cultuava o Salvador, dado que ao território foi atribuído este hagiotopónimo. Talvez ainda durante o século XII, é provável que a terra se tenha fracionado em duas paróquias: São João Baptista de Cinfães (de cuja igreja românica apenas subsiste um tímpano apeado ao lado da atual matriz barroca, no centro da vila de Cinfães) e São Cristóvão de Nogueira.



Profundamente alterada na Época Moderna, que lhe reconstruiu a capela-mor (finais do século XVIII), lhe rasgou amplos janelões e lhe anexou edificações, a Igreja de São Cristóvão, do extinto concelho de Nogueira, é estruturalmente uma construção medieval enquadrada no chamado “românico de resistência”, onde se conjugam as persistências de sabor românico com os anúncios do gótico. A edificação desta Igreja deve ser entendida no âmbito da criação da nova freguesia, pelo que poderemos datar os vestígios românicos remanescentes da transição do século XII para o XIII.

De entre estes, assume particular destaque o portal principal, tardio e inscrito na espessura do muro e sem colunas, mas cujas arquivoltas são ornadas no chanfro pelo motivo das pérolas, que conheceu grande fama na região envolvente. Nas impostas, encordoados. Curioso é o portal sul, dada a originalidade dos motivos esculpidos no arranque das aduelas.

Duas mãos cerradas, colocadas sobre ambas as impostas, seguram uma chave (?). Também nos pés-direitos, definidos por uma aresta chanfrada, foram relevados curiosos motivos decorativos, entre os quais destacamos um lagarto, do lado direito do observador. De resto, quer ao nível das restantes aduelas da arquivolta, como nas impostas e nos pés-direitos, imperam os motivos vegetalistas e fitomórficos, entrelaçados relevados. Composto por uma só arquivolta dominada pelo arco envolvente, na aduela do fecho vemos uma inscrição, bastante apagada, mas que pode traduzir-se em IHS, alusão a Cristo enquanto salvador dos homens. Ao nível dos alçados laterais da nave temos de destacar o reaproveitamento de um friso decorado com palmetas bracarenses (lado norte, junto à torre sineira, a meia altura da nave) e de vários fragmentos de cornija ostentando ziguezagueados relevados. Persistências ou reaproveitamentos?



A cachorrada da nave é bastante rica ao nível da temática esculpida. Figuras humanas e vários focinhos de animais recordam-nos que, particularmente durante a época românica, os modilhões foram assumidos como um elemento fulcral da composição arquitetónica.



## REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS

O que nos parece mais provável é que os fragmentos de frisos do alçado norte da nave resultem de um reaproveitamento de um edifício preexistente que poderá ter existido neste próprio local ou, então, poderemos estar diante do reaproveitamento de elementos escultóricos de uma primitiva igreja consagrada ao Salvador, mas que foi mudada de local, dando assim expressão factual à narrativa que se associa a esta Igreja.

O aproveitamento de materiais é muito comum ao longo de toda a História da Arte. Embora muitas vezes se procure justificar a reutilização de silhares com base num pretenso prestígio associado ao valor de antiguidade, o que é mais provável é que este aspeto decorra mais depressa de uma necessidade pragmática. Aproveitar o que já está feito (e bem feito) é bem mais simples do que fazer de novo. E nem sempre a escolha do local para edificação advém de elaboradas noções sobre a dicotomia sagrado/profano, antes do aproveitamento de afloramentos sobre os quais se possa levantar, com segurança, a nova estrutura.



No interior distingue-se um outro espírito, quase um “horror ao vazio”. Tendo em conta a regularidade dos paramentos das edificações românicas, estas mostraram-se importantes recetores da nova estética pós-tridentina, de que São Cristóvão de Nogueira constitui entre nós um bom exemplo. O teto da nave mostra um rico trabalho barroco de artesoadado e pintura, onde 57 painéis criaram um autêntico santoral: santos e santas ligados à Reforma Católica, bispos, apóstolos, mártires e os intercessores bem conhecidos do devocionário popular.

Embora tenha recebido uma policromia numa época posterior, que chegou mesmo a criar-lhe marmoreados, a talha desta Igreja representa os dois períodos que marcaram a sua conceção durante o século

XVIII. Nos retábulos colaterais, o estilo nacional e, no retábulo maior, o barroco joanino, onde se destaca um imponente trono eucarístico. O recurso a este modo artístico tão português envolveu em Nogueira o arco triunfal, criou a guarda do púlpito, ornamentou os dois retábulos embutidos nas paredes da nave, confrontantes, e concebeu um extravagante coro alto. Além da ampliação da capela-mor, a Época Moderna legou-nos a torre sineira, adossada à fachada principal, a norte, os pináculos que rematam os cunhais da Igreja e o janelão que encima o portal principal.

São Cristóvão de Nogueira é um bom exemplo de hibridez estilística, fruto de um rico conjunto de diversidades artísticas e estéticas.



#### A NÃO PERDER

- 5,5 km: Museu Serpa Pinto (p. 266)
- 7,5 km: Miradouro de Teixeira (p. 268)
- 11,4 km: Boassas - Aldeia de Portugal (p. 267)